

ESCOLA DE APRENDIZES DO EVANGELHO – CURSO BÁSICO

4ª aula: Progressão dos Mundos

Autor: Marcelo Vollet Mensinger

Para entender a progressão dos mundos e a evolução dos Espíritos, precisa-se primeiramente, entender a criação em si mesma. Em princípio, Deus pode ser considerado como uma mente que vive, infinita e universal.

Todo o cosmo é criação mental de Deus, sujeito às leis preexistentes determinadas por Ele próprio. É preciso partir do pressuposto de que no Universo tudo é mente, o universo é mental, no sentido de que, os seres criados vivem e se movem como pensamentos divinos, plasmados nos mundos fenomenais.

Deus pensando cria e as criações se sucedem ininterruptamente, com intervalos de repouso. A criação é consciente, deliberada e se rege por leis previamente estabelecidas pelo próprio Criador. Sendo pois, todas as coisas simples pensamentos de Deus. A criação, sendo uma manifestação que se exterioriza no plano físico, está sempre contida em Deus, porque Ele abrange tudo.

Os seres são pulverizações de luz, que vão surgindo da mente criadora e imediatamente são lançadas ao exterior, como pensamentos divinos, atraindo para si automaticamente, o fluido universal plasmável, do qual se revestem para ganhar forma e poder cair no “turbilhão” da involução.

Tomada por esse “turbilhão” a pequena chama, a mônada, já envolvida por matéria fluídica vai mergulhando, caindo através das diferentes esferas e planos e sendo envolvida cada vez em fluidos mais pesados, perdendo sua luminosidade até o ponto em que, cessado o impulso da queda, cessa a aspiração do turbilhão e chega até ao máximo da condensação exterior, ponto este que para o nosso mundo se dá no reino mineral. Resumindo, isso corresponde a sua criação (pensamento), exteriorização como energia (chama), envolvimento pela substância fundamental (ligação com a matéria) e rebaixamento vibratório desta até o reino mineral.

Daí ela é tomada por outro “turbilhão”, em sentido oposto de subida e inicia a fase de evolução. Essa evolução se dá pela passagem do campo da matéria inorgânica para a orgânica; entrada nas origens da vida celular, conquista do instinto, da intuição inconsciente, do raciocínio, da consciência e da intuição consciente ou superconsciência. Assim passa a mônada por todas as experiências da descida e da subida da espiral simbólica.

Pelo reino mineral a mônada inicia o movimento de volta; como é natural começa pelas experiências psíquicas menores, transitando de uma família de mineral para outra e assim a matéria começa a transformar-se em energia.

Neste reino a organização da mônada é a mais rudimentar possível, limitando-se a existência de simples filamentos fluídicos, que lhe servem de antenas e que lhe levam as impressões, quase que inapreciáveis do mundo exterior, como sejam: dilatações e retrações moleculares por mudança de temperaturas, passagem de ondas e luz, de som, tumultos da desagregação molecular por efeito de oxidações, rupturas, etc. Adstrita a este reino, a mônada começa a educar a sensibilidade no campo íntimo, até quando esse habitat lhe fornece experiências aproveitáveis. Nele permanece

como se estivesse submersa em um oceano imóvel muito denso, de vida inconsciente, não havendo, portanto, integração.

No reino mineral a mônada não possui forma física, são apenas massas imensas de minerais que cobrem extensas regiões do planeta. Através de todos estes corpos minerais, realiza suas primeiras e mais rudimentares experiências de sensibilização. Todavia, nos cristais encontramos uma certa organização nas diferentes famílias classificadas pela Geologia. São unidades químicas coletivas, possuindo um mínimo já bem apreciável de psiquismo, com movimento vibratório celular que levam para a cristalização, em formas e desenhos dos mais caprichosos e perfeitos, o que demonstra um maravilhoso senso de melodia, ordem e simetria.

A mônada, depois de estagiar nestes corpos minerais, passa em seguida para o Plano Elemental de transição, para sofrer as necessárias adaptações antes que ingresse no reino vegetal. No reino vegetal, para onde os Espíritos Diretores a transferem no tempo devido, o campo de experiências da mônada se dilata bastante, porque está em contato com a vida celular, que a existência do protoplasma permite.

Participando da vida das células vegetais, já dotadas de sensibilidade relativa, a mônada enriquece o acervo de ações e reações, passando a viver de forma mais ativa. Já não bastavam, pois, os filamentos fluídicos lançados para o exterior como antenas, mas a criação de órgãos verdadeiros possuidores de certa autonomia funcional, tanto na forma física como no psíquico.

A planta já não é mais inerte como o mineral; respira, reage, sofre, lança suas raízes ao solo e por elas recolhe os alimentos de que carece e nas épocas apropriadas participa da fecundação, interagindo-se com pássaros e insetos e quando frutifica espalha ao redor suas sementes, para que sua espécie subsista, beneficiando o mundo.

Terminada sua peregrinação neste reino, transitando pelas famílias cujos contatos lhe foram úteis, passa a mônada, em seguida, ao Plano Elemental de transição, onde sofre as adaptações que forem necessárias para seu ingresso no reino animal. Quando atinge este reino, a mônada já sofreu transformações consideráveis no período de transição referido e vê que então se abre a sua frente um campo muito mais vasto e profundo das experiências evolutivas. De fato, neste reino, entra ela em contato mais direto com o protoplasma orgânico, substância viva e sensível, fundamental da célula orgânica.

Para evoluir, nos reinos anteriores estava ela ligada ao conjunto, mas agora, mergulha fundo no oceano celular, nele submerge, sentindo todos os seus impulsos e movimentos e participando de sua vida íntima. Agora não é mais unicamente uma parte do conjunto, mas sim a cabeça, o centro motor desse conjunto.

Esse corpo agora é um microcosmo - formado de inumeráveis sistemas de turbilhões, compreendendo bilhões de células especializadas, cada qual com seu princípio rítmico e natureza de trabalho, tonalidade vibratória e finalidade funcional. As ligações, que nos reinos anteriores eram, como já dissemos, externas, filamentosas ou celulares, porém secundárias, são agora integrais, célula por célula, órgão por órgão, sistema por sistema, porque o corpo físico é uma duplicata do corpo perispiritual. É claro que neste reino a mônada começa sua peregrinação nos pontos mais

baixos da escala, gradativamente se transferindo de uma família para outra, cada vez mais aperfeiçoada.

Porém, o mais importante é saber que, neste reino animal, ocorre o fenômeno principal do progresso psíquico da mônada, que é sua integração em um corpo físico organizado, especialmente para sua evolução individual. Ela age individualmente, sendo ela mesma, um conjunto.

Neste reino, para as ligações ambientes, possui ela no corpo físico diferentes órgãos de sentidos, que variam segundo a classe animal onde está no momento realizando provas, sendo que o primeiro é o sentido do tato. E para as ligações no campo subjetivo, ela possui órgãos especiais da classe do instinto, fixados no cérebro, bastante desenvolvidos. Quando a mônada estagia nos répteis forma-se a glândula pineal com estrutura mais definida que fixa ou permite uma expressão mais individualizada no princípio espiritual.

Passa em seguida ao plano dos elementais humanos. Edgard Armond (1984) explica que há inúmeras formas de seres elementais humanos, porém os mais comentados são os que correspondem aos quatro elementos naturais - ar, fogo, terra e água. Os elementais do ar chamam-se silfos, os do fogo salamandras, os da terra gnomos e os da água ondinas. São seres cujo trato e aproximação envolve certo perigo, porque não possuem consciência própria, são dominados por instinto e sentem grande inclinação pelos homens, podendo produzir perturbações físicas e psíquicas bastante sérias.

Após seu estágio, nesse período de transição pelos elementais humanos, a mônada está pronta para habitar o reino humano. Inicia suas experiências com os homens primitivos, selvagens, tão próximos do animal, que com este se confundiam. A organização anterior fora feita visando a vida no campo do instinto e agora era preciso conquistar a vida consciencial, com o domínio da inteligência, para o uso do livre arbítrio.

No campo físico suprimiu-se a cauda, reajustou-se o equilíbrio para a andadura sobre dois pés e introduziram modificações no sistema nervoso. No campo psíquico houve acrescentamentos visando o mais amplo funcionamento da mente, sede da inteligência, da razão e da consciência, apuraram-se e desenvolveram-se os órgãos do sentimento, os plexos, o cérebro e os referentes às ligações com os planos extrassensoriais.

Ao entrar na esfera humana, a mônada iniciou uma vida diferente, repleta de emoções novas e profundas, principalmente pelo fato de viver agora conscientemente, por sua própria conta, utilizando a razão, o livre arbítrio e a responsabilidade. Tudo isto é o que agora forma a entidade denominada alma humana, que é o conjunto formado pela mônada (essência luminosa, emanção de Deus) e os envoltórios e órgãos destinados à sua vida exterior, nestes planos atuais.

Para melhor esclarecer, resume-se em uma pergunta o que até aqui foi explicado: As plantas e os animais evoluem até virarem seres humanos, ou sempre serão plantas e animais?

Plantas e animais não possuem espírito, conseqüentemente não possuem livre-arbítrio como os seres humanos. O que eles possuem, conhecemos como mônada. É uma consciência coletiva, não individual. Como tudo na criação do Pai está sempre em evolução, essas espécies também evoluirão um dia. Quando o mineral conhecer o quente e o frio, contração e dilatação, esta mônada

passa a um estágio superior na condição de vegetal. Quando o vegetal conhecer os estágios: nascer, crescer, florir, frutificar e morrer, o dia e a noite, o seco e o molhado, o calor e o frio, esta mônada passa a um estágio superior na condição de animal e o mesmo se processa em relação a todas as experiências que o animal terá que adquirir para deixar de ser parte de uma mônada e receber um espírito individual. Estima-se que todos esses processos levem milhares de anos.

O Espírito (desencarnado) ou alma (encarnado) é a criação de Deus, são seres inteligentes, individualizações do princípio inteligente, são imateriais por sua essência diferir de tudo o que conhecemos pelo nome de matéria. Estão por toda a parte evoluindo, adquirindo e armazenando experiências. O resultado dessas experiências vividas e definitivamente assimilado é registrado na zona que podemos chamar de subconsciente. No subconsciente tudo se conserva; todas as conquistas alcançadas pelo ser, em sua larga peregrinação, o resultado de todas as experiências já vividas. Tudo o que aí se acha conservado, ainda que esquecido, ressurgirá, desde que uma excitação o desperte, sempre que um fato o exija. É pois, o subconsciente a zona dos instintos, das ideias inatas, das qualidades obtidas. Representa o subconsciente todo o passado já transposto, inferior, mas adquirido. É neles que se depositam todos os produtos substanciais da vida; nessa zona encontramos de novo o que fomos e o que fizemos, todo o caminho seguido na construção de nós mesmos.

O consciente representa unicamente a fase ativa, única que sentimos e conhecemos, fase em que vivemos, em que se opera a evolução. Podemos concluir portanto, que pela educação, o estudo, o hábito, edificamos a nós mesmos. Exercitando-nos na prática do bem, perseverantemente, adquirimos o hábito e adquirido o hábito é eliminado da zona de consciência, porque pode de então para diante funcionar por si, deixando em repouso o Eu.

No superconsciente tudo é expectativa e é onde se preparam as conquistas do amanhã. É ainda, para a quase totalidade dos homens, essa fase possuída apenas como pressentimento e contida em gérmen, nas causas atuantes do presente, do qual a exprime o desenvolvimento. Todas as zonas de consciência aqui referidas, subconsciente, consciente e superconsciente, têm uma amplitude, um desenvolvimento, relativos ao grau evolutivo do ser; aquilo que para uns é consciente ou superconsciente, para outros pode ser já subconsciente, por se acharem estes mais adiantados, por representar percurso já feito e experiências já assimiladas e transmitidas ao subconsciente.

Essa Flama ou Centelha que varia da cor escura ao brilho do rubi, de acordo com a menor ou maior pureza que possui, também estão agrupados em diferentes ordens e classes.

Na 1ª ordem, colocamos os que já chegaram à “perfeição”: Espíritos puros.

Na 2ª ordem, estão os que chegaram ao meio da escala: o desejo do bem é a sua preocupação, embora ainda tenha provas a sofrer.

Na 3ª ordem, os que estão na base da escala: os Espíritos imperfeitos que se caracterizam pela ignorância, o desejo do mal e todas as más paixões, que lhes retardam o desenvolvimento.

Esses Espíritos vão habitar a casa do Pai que é o Universo, nas diferentes moradas que são os mundos que circulam no espaço infinito, oferecendo-lhes estações apropriadas ao seu adiantamento. Conforme for ele mais ou menos puro e liberto das atrações materiais, o meio em que

estiver, o aspecto das coisas, as sensações que experimentar, as percepções que possuir, tudo isso varia ao infinito, enquanto uns por exemplo, não podem afastar-se do meio em que viveram, porque erraram, são culpados, malvados, cheios de pesares e remorsos; outros se elevam e percorrem o espaço e os mundos porque são sublimes e justos.

ESCALA ESPÍRITA

3ª Ordem: Espíritos imperfeitos

- 10ª Classe: espíritos impuros
- 9ª Classe: espíritos levianos
- 8ª Classe: espíritos pseudossábios
- 7ª Classe: espíritos neutros
- 6ª Classe: espíritos batedores e perturbadores

2ª Ordem: Bons espíritos

- 5ª Classe: espíritos benévolos
- 4ª Classe: espíritos sábios
- 3ª Classe: espíritos prudentes
- 2ª Classe: espíritos superiores

1ª Ordem: Espíritos puros

Classe única

A classificação dos Espíritos se baseia no seu grau de desenvolvimento, nas qualidades por eles adquiridas e nas imperfeições de que ainda não se livraram. Esta classificação, de resto, nada tem de absoluta: nenhuma categoria apresenta um caráter bem definido, a não ser no seu conjunto: de um grau a outro, a transição é insensível, pois, nos limites as diferenças se apagam, como nos reinos da natureza, nas cores do arco-íris, ou ainda nos diferentes períodos da vida humana. Pode-se portanto, formar um número maior ou menor de classes, de acordo com a maneira por que se considerar o assunto. Acontece nisto, como em todos os sistemas de classificação científica: os sistemas podem ser mais ou menos completos, mais ou menos racionais, mais ou menos cômodos para a inteligência; mas, sejam como forem, nada alteram quanto à substância da ciência.

Terceira Ordem: Espíritos Imperfeitos

Predominância da matéria sobre o espírito. Propensão ao mal. Ignorância, orgulho, egoísmo, e todas as más paixões que se lhes seguem. Têm a intuição de Deus, mas não o compreendem. Nem todos são essencialmente maus; em alguns há mais leviandade. Uns não fazem nem o bem, nem o mal; mas, pelo simples fato de não fazerem o bem, revelam a sua inferioridade. Outros, pelo contrário, se comprazem no mal e ficam satisfeitos quando encontram ocasião de praticá-lo.

Eles podem aliar a inteligência à maldade ou à malícia; mas, qualquer que seja o seu desenvolvimento intelectual, suas ideias são pouco elevadas e os seus sentimentos mais ou menos abjetos. Os seus conhecimentos sobre as coisas do mundo espírita são limitados e o pouco que sabem a respeito, se confunde com as ideias e os preconceitos da vida corpórea. Não podem dar-nos mais do que noções falsas e incompletas daquele mundo; mas o observador atento encontra frequentemente nas suas comunicações, mesmo imperfeitas, a confirmação das grandes verdades ensinadas pelos Espíritos superiores.

O caráter desses Espíritos se revela na sua linguagem. Todo Espírito que nas suas comunicações traz um pensamento mau, pode ser colocado na terceira ordem; por conseguinte, todo mau pensamento que nos for sugerido provém de um Espírito dessa ordem. Veem a felicidade dos bons e essa visão é para eles um tormento incessante, porque lhes faz provar as angústias da inveja e do ciúme.

Conservam a lembrança e a percepção, dos sofrimentos da vida corpórea e essa impressão é frequentemente mais penosa que a realidade. Sofrem, portanto, verdadeiramente pelos males que suportaram e pelos que acarretaram aos outros; e como sofrem por muito tempo, julgam sofrer para sempre. Pode-se dividi-los em cinco classes principais:

Décima classe. Espíritos Impuros - são inclinados ao mal e o fazem objeto de suas preocupações. Como Espíritos dão conselhos perversos, insuflam a discórdia e a desconfiança, usam todos os disfarces para melhor enganar. Apegam-se às pessoas de caráter bastante fraco, para cederem às suas sugestões, a fim de levá-las à perda, satisfeitos de poderem retardar o seu adiantamento, ao fazê-las sucumbir ante as provas que sofrem.

Nas manifestações reconhecem-se esses Espíritos pela linguagem: a trivialidade e a grosseria das expressões, entre os Espíritos como entre os homens é sempre um índice de inferioridade moral, senão mesmo intelectual. Suas comunicações revelam a baixaza de suas inclinações e se eles tentam enganar falando de maneira sensata, não podem sustentar o papel por muito tempo e acabam sempre por trair a sua origem. Alguns povos os transformaram em divindades malfazejas, outros os designam como demônios, gênios maus, Espíritos do mal.

Quando encarnados, inclinam-se a todos os vícios que as paixões vis e degradantes engendram: a sensualidade, a crueldade, a felonía, a hipocrisia, a cupidez e a avareza sórdida. Fazem o mal pelo prazer de fazê-lo, no mais das vezes sem motivo e por ódio ao bem, quase sempre escolhem suas vítimas entre as pessoas honestas. Constituem verdadeiros flagelos para a humanidade, seja qual for a posição social que ocupem, e o verniz da civilização não os livra do opróbrio e da ignomínia.

Nona classe. Espíritos Levianos - são ignorantes, malignos, inconsequentes e zombeteiros. Metem-se em tudo e a tudo respondem sem se importarem com a verdade. Gostam de causar pequenas contrariedades e pequenas alegrias, de fazer intrigas, de induzir maliciosamente ao erro, por meio de mistificações e de espertezas. A esta classe pertencem os Espíritos vulgarmente designados pelos nomes de duendes, diabretes, gnomos. Estão sob a dependência de Espíritos superiores, que deles se servem muitas vezes, como fazemos com os criados.

Nas suas comunicações com os homens, a sua linguagem é muitas vezes espirituosa e alegre, mas quase sempre sem profundidade; apanham as esquisitices e os ridículos humanos, que interpretam de maneira mordaz e satírica. Se tomam nomes supostos é mais por malícia, do que por maldade.

Oitava classe. Espíritos Pseudossábios - seus conhecimentos são bastante amplos, mas julgam saber mais do que realmente sabem. Tendo realizado alguns progressos em diversos sentidos, sua linguagem tem um caráter sério, que pode iludir quanto a sua capacidade e às suas luzes. Mas isso, frequentemente, não é mais do que um reflexo dos preconceitos e das ideias sistemáticas que tiveram na vida terrena. Sua linguagem é uma mistura de algumas verdades com os erros mais absurdos, entre os quais repontam a presunção, o orgulho, a inveja e a teimosia, de que não puderam despir-se.

Sétima classe. Espíritos Neutros - nem são bastante bons para fazerem o bem, nem bastante maus para fazerem o mal; tendem tanto para um como para outro e não se elevam sobre a condição vulgar da humanidade, quer pela moral ou pela inteligência. Apegam-se às coisas deste mundo, saudosos de suas grosseiras alegrias.

Sexta classe. Espíritos Batedores e Perturbadores - estes Espíritos não formam, propriamente falando, uma classe distinta quanto às suas qualidades pessoais e podem pertencer a todas as classes da terceira ordem. Manifestam frequentemente sua presença por efeitos sensíveis e físicos, como golpes, movimento de deslocamento anormal de corpos sólidos, do ar, etc. Parece que estão mais apegados à matéria do que os outros, sendo os agentes principais das vicissitudes dos elementos do globo, quer pela sua ação sobre o ar, a água, o fogo, os corpos sólidos, ou nas entranhas da terra. Reconhece-se que esses fenômenos não são devidos a uma causa fortuita e física, quando têm um caráter intencional e inteligente. Todos os Espíritos podem produzir esses fenômenos, mas os Espíritos elevados os deixam, em geral, a cargo dos Espíritos subalternos, mais aptos para as coisas materiais que para as inteligentes. Quando julgam que as manifestações desse gênero são úteis servem-se desses espíritos como auxiliares.

Segunda Ordem - Bons Espíritos

Predomínio do Espírito sobre a matéria; desejo do bem. Suas qualidades e seu poder de fazer o bem estão na razão do grau que atingiram: uns possuem a ciência, outros a sabedoria e a bondade; os mais adiantados juntam ao seu saber as qualidades morais. Não estando ainda completamente desmaterializados, conservam mais ou menos, segundo sua ordem, os traços da existência corpórea, seja na linguagem, seja nos hábitos, nos quais se encontram até mesmo algumas de suas manias. Se não fosse assim, seriam Espíritos perfeitos.

Compreendem Deus e o infinito e gozam já da felicidade dos bons. Sentem-se felizes, quando fazem o bem e quando impedem o mal. O amor que os une é para eles uma fonte de inefável felicidade, não alterada pela inveja nem pelos remorsos, ou por qualquer das más paixões, que atormentam os Espíritos imperfeitos; mas terão ainda de passar por provas, até atingirem a perfeição absoluta.

Como Espíritos suscitam bons pensamentos, desviam os homens do caminho do mal, protegem durante a vida aqueles que se tornam dignos e neutralizam a influência dos Espíritos imperfeitos sobre os que não se comprazem nelas.

Quando encarnados são bons e benevolentes para com os semelhantes; não se deixam levar pelo orgulho, nem pelo egoísmo, nem pela ambição; não provam ódio, nem rancor, nem inveja ou ciúme, fazendo o bem pelo bem.

A esta ordem pertencem os Espíritos designados nas crenças vulgares, pelos nomes de bons gênios, gênios protetores, Espíritos do bem. Nos tempos de superstição e de ignorância, foram consideradas divindades benfazejas. Pode-se dividi-los em quatro grupos principais:

Quinta classe. Espíritos Benévolos - sua qualidade dominante é a bondade; gostam de prestar serviços aos homens e de protegê-los; mas o seu saber é limitado: seu progresso se realizou mais no sentido moral, que no intelectual.

Quarta classe. Espíritos Sábios - o que especialmente os distingue é a amplitude dos conhecimentos. Preocupam-se menos com as questões morais do que com as científicas, para as quais têm mais aptidão; mas não encaram a ciência senão pela sua utilidade, livres das paixões que são próprias dos Espíritos imperfeitos.

Terceira classe. Espíritos Prudentes - caracteriza-se pelas qualidades morais da ordem mais elevada. Sem possuir conhecimentos ilimitados, são dotados de uma capacidade intelectual que lhes permite compreender os homens e as coisas.

Segunda classe. Espíritos Superiores - reúnem a ciência, a sabedoria e a bondade. Sua linguagem, que só transpira benevolência, é sempre digna, elevada e frequentemente sublime. Sua superioridade os torna, mais que os outros, aptos a nos proporcionar as mais justas noções sobre as coisas do mundo incorpóreo, dentro dos limites de que nos é dado conhecer.

Comunicam-se voluntariamente com os que procuram de boa fé a verdade e cujas almas estejam bastante libertas dos liames terrenos, para compreendê-la; mas afastam-se dos que são movidos apenas pela curiosidade, ou que, pela influência da matéria, desviam-se da prática do bem. Quando, por exceção, se encarnam na terra é para cumprir uma missão de progresso e então nos oferecem o tipo de perfeição, a que a humanidade pode aspirar neste mundo.

Primeira Ordem - Espíritos Puros

Nenhuma influência da matéria. Superioridade intelectual e moral absoluta, em relação aos Espíritos das outras ordens.

Primeira classe. Classe única - percorreram todos os graus da escala e se despojaram de todas as impurezas da matéria. Havendo atingido a soma de perfeições de que é susceptível a criatura, não tem mais provas nem expiações a sofrer. Não estando mais sujeitos à reencarnação em corpos perecíveis vivem a vida eterna, que desfrutam no seio de Deus.

Gozam de uma felicidade inalterável, porque não estão sujeitos nem às necessidades, nem às vicissitudes da vida material, mas essa felicidade não é a de uma ociosidade monótona, vivida em contemplação perpétua. São os mensageiros e os ministros de Deus, cujas ordens executam, para a

manutenção da harmonia universal. Dirigem todos os Espíritos que lhes são inferiores, ajudando-os a se aperfeiçoarem e determinam as suas missões.

Assistir os homens nas suas angústias, incitá-los ao bem ou à expiação de faltas que os distanciam da felicidade suprema, é para eles uma ocupação agradável. São às vezes designados pelos nomes de anjos, arcanjos ou Serafim. Os homens podem comunicar-se com eles, mas bem presunçoso seria o que pretendesse tê-los constantemente às suas ordens.

DIVERSAS MORADAS

Os Espíritos dentro dessas ordens e classes vão habitar as diversas moradas (mundos) da casa do Pai (Universo). Essas moradas foram divididas assim:

- Mundos primitivos
- Mundos de provas e expiação
- Mundos regeneradores
- Mundos felizes
- Mundos Celestes ou Divinos

Mundos Primitivos

É dado este qualificativo aos mundos acabados de sair dos fluidos incandescentes, quando os planetas estão devidamente preparados, para neles se manifestar a vida diferenciada, após o insano e abnegado trabalho dos artistas da criação no estudo das formas e na manipulação dos fluidos da vida que devem se adaptar às condições físicas de cada planeta. Trabalho todo este desenvolvido sob a direção amorosa e sábia dos Cristos ou Messias, são os germens da vida aí depositados.

Desenvolvendo-se e progredindo gradativamente, passam esses germens ou princípios de vida por todas as fases necessárias à conquista de uma consciência cada vez mais ampla, tornando ativas as potencialidades latentes, até que a evolução do planeta e das espécies que o habitam, permitam chegando a época propícia, o aparecimento neles, do homem, ou do ser consciente de si mesmo, senhor de um relativo livre arbítrio que lhe permite a livre escolha no caminho a seguir, tornando-o responsável pelos atos que pratica.

Sob a orientação dos seus Governadores ou Guias, de suas humanidades, são realizados nesses novos mundos ensaios, após o aparecimento dos primeiros seres vivos, até que são estabelecidas linhagens definitivas para todas as espécies que devem servir de “habitat” às unidades de consciência, que em tempo oportuno, passarão a animá-las.

Com referência ao nosso mundo, assim se expressa o esclarecido e generoso espírito Emmanuel, no que diz respeito à fase de adaptação, a que foram submetidos os seres já humanos e que se encarnariam na segunda raça-mãe da nossa Humanidade: “as hostes superiores, do plano invisível operam nesses mundos uma definitiva transição no corpo perispiritual preexistente dos homens primitivos, o que provocou, conseqüentemente, transformações viscerais na estrutura dos

antepassados das raças humanas, permitindo a aquisição da razão e de outras possibilidades até então desconhecidas, pelos antecedentes do homem”.

Ante a uma possível admiração responde Emmanuel: “Também as crianças têm os feitos da infância corrigidos pelos pais, que as preparam em face da vida, sem que na maioridade, elas se lembrem disso”.

Flammarion, o inspirado poeta da Astronomia, refere-se em seu magnífico livro “Narrações do Infinito”, a um mundo, inferior ao nosso planeta, onde os seres que o habitam, estão ainda submetidos a maiores dificuldades do que os habitantes da Terra, para nutrirem os seus corpos materiais. Dispõem esses seres do ar que, à semelhança do que ocorre aqui, se acha disseminado na atmosfera do mundo que habitam; entretanto, o oxigênio que absorvem seus pulmões só os alimenta três quartas partes; necessário é, portanto, que busquem o que se pode denominar - seu oxigênio - e, em trégua, estão condenados a fazer funcionar seus pulmões e a preparar ar nutriente, sem jamais dormir e sem nunca se saciarem desse ar, por isso que, a despeito de todo o trabalho que desenvolvem continuamente, só o podem absorver em pequenas proporções de cada vez.

Passam assim, esses seres, a vida inteira, e sucumbem por esse gigantesco esforço. Esse Planeta, segundo Flammarion, está situado no sistema Andrômeda. As formas desses seres, segundo ainda o mesmo autor, que os classifica também como raça humana, é um pouco a das sirenas (sereias) da Antiguidade, mais ou menos elegante, e aproximando-se ao organismo da foca.

A citação aqui feita é apenas uma das inúmeras formas de vida narradas pelo grande astrônomo, em suas obras. Escapa as mais arrojadas antecipações da nossa imaginação, a diversidade reinante na constituição das formas que o Espírito plasma para sua manifestação e ascensão. E quanto mais penetrarmos na maravilhosa obra divina, mais sentiremos crescer a nossa pequenez.

Mundos de Provas e Expições

São ainda esses mundos materiais. Entre eles está incluída a Terra que habitamos. A superioridade da inteligência, num grande número de seus habitantes indica não serem eles mundos primitivos, destinados a encarnação de Espíritos, em início de evolução.

As qualidades inatas são provas de espíritos já vividos e que já realizaram um pequeno progresso; suas acentuadas imperfeições, caracterizadas nos vícios a que se inclinam, são indícios de sua pouca evolução moral. Destinou-lhes Deus condições de vida difíceis, para expiarem suas faltas por meio de um penoso trabalho e pelas misérias da vida, até que hajam aprendido as leis do bem e se tornem dignos de passar por mundos mais felizes.

A variedade desses mundos deve ser muito grande; sua gradação deve se estender ao longo da respectiva escala, desde os apropriados aos seres mais primitivos, passando pela longa série dos mundos apropriados à aquisição de todas as experiências preliminares, bem como a proporcionar aos espíritos todas as provas e meios para retemperar-se na luta, pela dor e pelos sofrimentos a que fazem jus, pelos seus desvios.

São verdadeiras escolas-oficinas, onde o trabalho pelo estudo e pelo gradativo aperfeiçoamento moral, num verdadeiro e penoso esforço para a sua desmaterialização, vai o Espírito, pouco a pouco, desenvolvendo os poderes e atributos que traz em latência, para a conquista dos supremos valores para a vida eterna. Descem a esses mundos periodicamente, missionários do bem em épocas de grande degradação, em que há perigo de destruição, em consequência das reações determinadas pela Soberana Lei sobre suas humanidades, num vivo testemunho de amor e abnegação, neles encarnam-se seus Messias que pelos ensinamentos que ministram e pelos exemplos de amor, de renúncia, de piedade e de perdão com que pautam sua conduta, oferecem elementos para que seja restabelecido, de alguma forma, o equilíbrio exigido pela já referida Lei.

Esses Messias deixam assim, a esses povos, códigos de conduta que se seguidos, os conduzirão à conquista de sua libertação espiritual. Quase sempre são esses Missionários ou Messias, sacrificados pela ignorância e pela maldade dos seres infelizes, que habitam esses mundos inferiores. Não raro, a evolução das humanidades dos mundos de provas e expiações é auxiliada por Espíritos degradados de outros orbes mais adiantados, de onde são banidos em épocas de expurgos que periodicamente, se processam em todos os mundos do universo, cujas humanidades ainda não atingiram a perfeição.

Há também, entre esses mundos materiais, os que servem de habitação a Espíritos prestes a entrar na fase de regeneração. Nosso planeta atravessa atualmente a fase de transição que lhe permitirá ascender na escala dos mundos, passando da categoria de mundo de provas e expiações, para a de mundo regenerador. Aliás, como já dissemos, todos os mundos evoluem com suas respectivas humanidades e no decorrer dos milênios vão passando de uma para outra categoria, até atingirem a de mundos celestes.

Muito embora, os espíritos encarnados num mundo não estão ligados a ele indefinidamente e não passam nesse mundo, por todas as fases do progresso que devem realizar para chegar à perfeição. Quando atingem o grau de adiantamento necessário, passam para outro mundo mais adiantado e assim sucessivamente, até chegarem ao estado de Espíritos Puros. Os mundos são as estações em que eles encontram os elementos de progresso proporcionais ao seu adiantamento. É para eles uma recompensa passarem a um mundo de ordem mais elevada como é um castigo prolongarem sua permanência num mundo infeliz, ou serem relegados a um mundo ainda mais infeliz, por se haverem obstinado ao mal.

Mundos Regeneradores

Nesses mundos encarnam espíritos em fase de regeneração e que, apesar do seu já acentuado progresso, ainda têm o que expiar, para que progressivamente, saiam da materialidade. Neles já predominam a força do direito, em vez do direito da força, como o meio mais empregado para a solução das pendências entre os seus habitantes, mesmo em grau intelectual bastante avançado.

As guerras, portanto, já não são o processo usado para selecionar as questões surgidas entre os seus povos; elas são julgadas inúteis e contrárias ao bem e à razão. A fraternidade e a solidariedade são aí praticadas pela maioria das humanidades, que os habitam.

Nessa categoria de mundos, onde os Espíritos acabam sua depuração, entrará o nosso orbe, após este ciclo doloroso que vivemos e quando seus habitantes, em sua grande maioria aceitarem, sentirem e viverem os postulados evangélicos, ensinados e exemplificados pelo nosso Divino Mestre e Governador, reunindo-se sob sua égide misericordiosa e compassiva, num só rebanho.

Apesar de tudo o que temos dito, convém termos em mente que a diversidade das manifestações da vida no universo infinito é também infinita. Assim há infinitas variedades de formas, através das quais, a Vida Una se manifesta, assim como meios de manifestação de sentidos que fogem à nossa atual compreensão. Não somos padrão em sentido algum; os meios variando ao infinito variam as expressões da vida, através das formas infinitas e mutáveis.

Servem portanto, os mundos regeneradores, de transição entre os de expiação e os mundos felizes, não se encontrando ainda aí a perfeita felicidade. Sendo o homem ainda carnal, está sujeito às vicissitudes de que só se libertam os seres completamente desmaterializados; ainda restam provas a passar, embora sem as dolorosas consequências que predominam neste nosso mundo, na atualidade.

Mundos Felizes

São habitados por espíritos já regenerados, depurados de todas as más tendências. Neles só imperam o bem; o mal já foi totalmente vencido. Esses mundos, como os Espíritos que os habitam, já se acham no início do período de semi-fluidez, iniciando-se aí a desmaterialização do corpo denso.

Pelo exposto, é lógico que os meios de manutenção da vida física, variem de uma para outras categorias de mundos. Podemos, pois, supor que em vez de serem combinados ou misturados na constituição dos corpos sólidos ou líquidos, os alimentos nos mundos superiores, se encontrem em estado gasoso na formação de suas atmosferas, sendo estas naturalmente nutritivas, dispensando dessa forma a digestão e as funções grosseiras comuns às nossas atuais condições.

Mundos Celestes ou Divinos

Pouco ou quase nada sabemos de positivo a respeito desses mundos ditosos. Os elementos que entram na sua formação devem, no entanto, pela lei natural ser de extrema fluidez. A eles só podem ter acesso os puros Espíritos. Sabendo, como sabemos, que evolução é sinônimo de desmaterialização, natural que os mundos em sua escalada ascensional se vão desmaterializando, assim como os Espíritos.

Assim, na passagem de uma a outra categoria de mundos, há um processo de gradativa desmaterialização, perdendo os mundos peso físico, assim como os Espíritos perdem ascendendo, peso específico. Essa ascensão aproxima os mundos ou sistemas de mundos, de outros sistemas de maior vibratibilidade e, portanto, de maior luz. Uma coisa é certa: a predominância do bem nesses mundos celestes ou divinos; há perfeita harmonia entre os Espíritos que os habitam, perfeita sintonia

com as leis divinas, sendo todos os seres que o povoam colaboradores conscientes e diretos do Criador, na direção do Universo.

Os Espíritos, habitantes dos mundos divinos, gozam de ampla liberdade; são sábios e amorosos ao extremo; têm da justiça perfeito senso e já perderam o contato com os planos inferiores, dos quais estão muito afastados. Sua variedade é como a dos demais mundos, muito grande. Os Espíritos libertos da materialidade, irradiam energia sublimada e condensam a matéria quando disso têm necessidade.

A classificação de mundos inferiores e mundos superiores é antes relativa do que absoluta, pois um mundo é inferior ou superior em relação aos que se acham abaixo ou acima dele, na escala progressiva. Tomando a Terra como ponto de comparação, pode fazer-se uma ideia do estado de um mundo inferior, supondo os seus habitantes no grau evolutivo dos povos selvagens e das nações bárbaras que ainda se encontram em nosso planeta, como restos do seu estado primitivo.

Nos mundos mais atrasados, os homens são de certo modo rudimentares. Possuem a forma humana, mas sem nenhuma beleza; seus instintos não são temperados por nenhum sentimento de delicadeza ou benevolência, nem pelas noções do justo e do injusto; a força bruta é sua única lei. Sem indústrias, sem invenções, dedicam sua vida à conquista de alimentos. Não obstante, Deus não abandona nenhuma de suas criaturas.

No fundo tenebroso dessas inteligências, encontra-se latente a vaga intuição de um Ser Supremo, mais ou menos desenvolvida. Esse instinto é suficiente para que uns se tornem superiores aos outros, preparando-se para a eclosão de uma vida mais plena. Porque eles não são criaturas degradadas, mas crianças que crescem.

Entre esses graus mais inferiores e mais elevados, há inumeráveis degraus, e entre os Espíritos puros, desmaterializados e resplandecentes de glória, é difícil reconhecer os que animaram os seres primitivos, da mesma maneira que, no homem adulto é difícil reconhecer o antigo embrião.

Nos mundos que atingiram um grau superior de evolução, as condições da vida moral e material são muito diferentes das que encontramos na Terra. A forma dos corpos é sempre, como por toda parte a humana, mas embelezada, aperfeiçoada e sobretudo purificada. O corpo nada tem da materialidade terrena e não está por isso mesmo, sujeito às necessidades, às doenças e às deteriorações decorrentes do predomínio da matéria.

Os sentidos, mais sutis, têm percepções que a grosseria dos nossos corpos sufoca. A leveza específica dos corpos torna a locomoção rápida e fácil. Em vez de se arrastarem penosamente sobre o solo, eles deslizam, por assim dizer, pela superfície ou pelo ar, pelo esforço apenas da vontade, à maneira das representações de anjos ou dos manes dos antigos nos Campos Elíseos.

Os homens conservam a vontade, os traços de suas existências passadas e aparecem aos amigos em suas formas conhecidas, mas iluminadas por uma luz divina, transfigurada pelas impressões interiores, que são sempre elevadas. Em vez de rostos pálidos, arruinados pelos sofrimentos e pelas paixões, a inteligência e a vida esplendem com esse brilho, que os pintores traduziram pela auréola dos santos.

A pouca resistência que a matéria oferece aos Espíritos já bastante adiantados, facilita o desenvolvimento dos corpos e abrevia ou quase anula, o período de infância. A vida, isenta de cuidados e angústias, é proporcionalmente muito mais longa que a da Terra. Em princípio, a longevidade é proporcional ao grau de adiantamento dos mundos.

A morte não tem nenhum dos horrores da decomposição e longe de ser motivo de pavor, é considerada como uma transformação feliz, pois não existem dúvidas quanto ao futuro. Durante a vida, não estando a alma encerrada numa matéria compacta, irradia e goza de uma lucidez que a deixa num estado quase permanente de emancipação, permitindo a livre transmissão do pensamento.

Nos mundos felizes, as relações de povo para povo, sempre amigáveis, jamais são perturbadas pelas ambições de dominação e pelas guerras que lhes são consequentes. Não existem senhores nem escravos, nem privilegiados de nascimento. Só a superioridade moral e intelectual determina as diferentes condições e confere a supremacia.

A autoridade é sempre respeitada, porque decorre unicamente do mérito e se exerce sempre com justiça. O homem não procura elevar-se sobre o seu semelhante, mas sobre si mesmo, aperfeiçoando-se. Seu objetivo é atingir a classe dos Espíritos puros e esse desejo incessante não constitui um tormento, mas uma nobre ambição, que o faz estudar com ardor para igualá-los.

Todos os sentimentos ternos e elevados da natureza humana apresentam-se engrandecidos e purificados. Os ódios, as mesquinhas do ciúme, as baixas cobiças da inveja são ali desconhecidos. Um sentimento de amor e fraternidade une a todos os homens e os mais fortes ajudam os mais fracos. Suas posses são correspondentes às possibilidades de aquisição de suas inteligências, mas ninguém sofre a falta do necessário, porque ninguém ali se encontra em expiação. Em uma palavra, o mal não existe.

No vosso mundo, tendes necessidade do mal para sentir o bem, da noite para admirar a luz, da doença para apreciar a saúde. Lá, esses contrastes não são necessários. A eterna luz, a eterna bondade, a paz eterna da alma, proporcionam uma alegria eterna, que nem as angústias da vida material, nem os contatos dos maus, que ali não têm acesso, poderiam perturbar.

Eis o que o Espírito humano só dificilmente compreende. Ele foi engenhoso para pintar os tormentos do inferno, mas jamais pode representar as alegrias do céu. E isso por quê? Porque, sendo inferior, só tem experimentado penas e misérias e não pode entrever as claridades celestes. Ele não pode falar daquilo que não conhece. Mas, à medida que se eleva e se purifica, seu horizonte se alarga e ele compreende o bem que está à sua frente, como compreendeu o mal que deixa para trás.

Esses mundos afortunados, entretanto, não são mundos privilegiados. Porque Deus não usa de parcialidade para nenhum de seus filhos. A todos concede os mesmos direitos e as mesmas facilidades para chegarem até lá. Fez que todos partissem do mesmo ponto, e não dota a uns mais do que aos outros. Os primeiros lugares são acessíveis a todos: cabe-lhes conquistá-los pelo trabalho, atingi-los o mais cedo possível ou abandonar-se durante séculos e séculos, no meio da escória humana.

Referências Bibliográficas:

Apostila Iniciação Espírita, Aliança Espírita Evangélica.

O Livro dos Espíritos, Allan Kardec.

O Evangelho Segundo o Espiritismo, Allan Kardec.